



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violela Arraes de Alencar
Gervaiseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

CASCA, POLPA E CAROÇO : AIDS COMO METÁFORA

Franco Fonseca¹, Robson Haderchpek²

RESUMO

Aqui propõe-se uma reflexão crítica e política sobre a Aids e estuda as implicações desta na relação com as artes da cena como metáfora, relacionando o contexto do surgimento da noção “*Pós-coquetel*” que vem sendo imprimida às artes. A discussão parte da pesquisa de mestrado em andamento: “*A cena pós-coquetel: as interfaces da aids nas artes da cena*”. A pesquisa tem um caráter teórico-prático e se pautou numa metodologia de caráter bibliográfico e experimental, produção escrita e criação cênica propositiva. Ao fim apresenta-se o *programa performativo* da performance “*Agora Chupa essa Manga*” que é descrita na parte final do texto propondo uma ocupação dos corpos positivos nas artes da cena.

Palavras-Chave: vírus ideológico, epidemia discursiva, pós-coquetel.

PEEL, PULP AND LUMP: AIDS AS A METAPHOR

ABSTRACT

¹ Franco Willamy Lima da Fonseca, Arte pesquisador e ativista LGBT, vive com HIV desde 2014, Mestrando do programa de pós graduação em Artes Cênicas da , UFRN, francowilamy@gmail.com, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

² Robson Carlos Haderchpek, Professor Associado do Departamento de Artes, Docente do Curso de Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFRN, rob_hader@yahoo.com.br, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violela Arraes de Alencar
Gervaiseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

Here we propose a critical and political reflection on AIDS as a metaphor and study the implications of this in relation to the arts of the scene, relating the context of the emergence of the notion "Post-cocktail" that is being imprinted on the arts. The discussion starts from the master's degree research in progress: "The post-cocktail scene: the interfaces of AIDS in the arts of the scene". The research has a theoretical-practical character and was based on a methodology of bibliographical and experimental character, written production and propositional scenic creation. At the end, the performative performance program "Now suck that Mango" is presented, which is described in the final part of the text proposing an occupation of positive people in the performing arts.

Keywords: Ideological virus, Discursive epidemic, Post-cocktail.

INTRODUÇÃO - CASCA

Neste relato há aids, mas aids como metáfora, a partir da construção de Susan Sontag, no livro *A Doença como metáfora, Aids e suas metáforas* (2007), que ensaia o uso da metáfora na perspectiva da natureza comunicativa da cultura e da história como um integrante catalisador de imagens. Aqui dedicam-se contaminações voláteis **negritadas em vermelho**, transportando por todo corpo escrito, bem como percorre todo o corpo humano, coberto por ramificações, disseminando, substâncias, sentidos. Observações impermanentes, como o **sangue** que se move dentro de nós. Faremos aqui um furo na ponta dos dedos para repensar a noção de *pós-coquetel*. Uma nova representação para o exame discursivo da aids, que ora se assemelha ora diverge do que já foi definido como *epidemia discursiva* e, embora situe a literatura que trata sobre o assunto, desenha também as estruturas anteriores da epidemia que fundamenta as imagens sedimentadas e localizadas em nossa memória histórica e poética.



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaiseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

METODOLOGIA - POUPA

O pós-coquetel serviu de noção para compreender a aids agora. Sem esquecer de questionar de onde vem e para onde vão essas imagens metafóricas da representação desses corpos. Corpos que foram separados dos demais, beirando uma quase quarentena narrativa, visto que já contamos 37 anos desde o primeiro caso notificado no Brasil. A metáfora aqui é ferramenta de análise e sua potência de risco reativo nas artes da cena nos parece um bom caminho para falar da aids. O processo de criação utiliza da abordagem metodológica do *programa performativo* de Eleonora Fabião (2013)³.

RESULTADOS E DISCUSSÕES - CAROÇO

Alexandre Nunes cria em 2015 a categoria de **literatura pós-coquetel**, o autor sugere que existe uma imagem consensual de que não morremos mais de aids agora que temos tratamento. Essa imagem exclui do debate perspectivas extremamente necessárias e se dissolve em outras narrativas como “agora é só tomar remédio e tudo resolvido”. O pós-coquetel do autor fala de corpos brancos de homens gays cis gênero em sua maioria de classe média alta. O que demarca bem quem é que pode não adoecer de aids e viver para poder contar a história. O autor deixa isso claro na segunda parte da coluna publicada na Revista Cariri sobre a literatura pós-coquetel:

³ O **Programa performativo**: o corpo-em-experiência. Revista do LUME - núcleo interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - UNICAMP n.4, dez. 2013.



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

Outro ponto relevante a se destacar é que quase a totalidade das narrativas abordam personagens homens brancos cisgênero, gays e brancos, demonstrando uma hegemonia da circulação masculina e a invisibilidade de personagens negras e ou mulheres negras na literatura *mainstream* da Aids. (NUNES, 2015. Disponível em: <<https://caririrevista.com.br/literatura-pos-coquetel-parte-2/>>. Consultado em: 29 de outubro de 2017.)

Embora o autor faça questão de elucidar o recorte específico “*mainstream*”, e de que não se interesse mais por desenvolver a noção, visto que não é seu lugar de fala, a potência canalizadora de imagens que a noção trouxe começa promover contágios criativos por todo país sendo utilizada por artistas, curadores, pesquisadores e etc para se referir as novas narrativas da aids. O evento “Todos os Gêneros, Mostra de Arte e Diversidade” teve o hiv e a literatura pós coquetel como provocação, havia mesa : “*Literatura pós coquetel: Novas Narrativas do hiv/aids*”, onde pudemos dialogar diretamente com o autor da noção, logo em seguida o lançamento do livro “*Tentem entender o que tento dizer*”. Artistas como Micaela Cyrino⁴ e Flip Couto⁵ estiveram na programação com suas performances. O encontro com essas artistas impulsionou a criação da performance denominada **Agora Chupa Essa Manga**, cuja criação utiliza da abordagem metodológica do *programa performativo* de Eleonora Fabião (2013). A manga como símbolo do fruto proibido e o corpo como fronteira entre a ordem e a liberdade. Programa performativo adotado: 40 mangas (40 mil novos casos de infecção de hiv naquele ano no Brasil); Plástico PVC (plastificação dos corpos, imposição do uso de camisinha sem refletir as práticas e suas particularidades - o tabu do sexo sem culpa sem capa); O corpo nu (desnudo de palavra, roupas e pudores); saborear a experiência tátil e afetiva da fruta - contra discurso.

⁴ Artista plástica negra, que nasceu com HIV. Criadora da performance “Cura” 2015.

⁵ Bailarino negro gay conhecido pelo seu trabalho com danças urbanas traz na performance “Sangue” 2016.



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violela Arraes de Alencar
Gervaiseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-



Fig. 1 - Performance *Agora Chupa Essa Manga*,
Mirante Nove de Julho, São Paulo – SP, 2018 –
Foto David Costa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto crucial que marca o *pós-coquetel* é a possibilidade de vida que os remédios trouxeram. Desse modo investigamos a *representaHIVidade* expressa na vida e obra de pessoas soropositivas. O pós- coquetel nas artes da cena é um desafio nosso de construção da dizibilidade da aids no teatro, dança, performance e circo. Ao entrar em contato sem capa com essa noção, nos contagiamos pela possibilidade de enfrentar outra “**dizibilidade da aids**”. Trazer o conhecimento artístico para esta “**luta semântica**”, em um recorte histórico e simbólico, marcado tanto pelo efeito literal da possibilidade de vida (**cronificação da síndrome**), quanto pelos colaterais pontos de mutação, é algo necessário, pois marca o “antes e depois” dos significados dessa nova epidemia.

REFERÊNCIAS

- SOUSA, F. C. A. N. . **Literatura Pós-coquetel**. Cariri Revista, Juazeiro do Norte, 16 out. 2015. **Literatura Pós-coquetel (parte II)**. Disponível em <https://caririrevista.com.br/literatura-pos-coquetel-parte-2/> Acesso 6 maio de 2018. Juazeiro do Norte, 16 out. 2015.
- SONTAG, S. **Doença como metáfora, Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.